**Avaliando Habilidades de Aprendiz**

*Prof. Dr. Lucelmo Lacerda*

É comum dizermos que na escola, para além das disciplinas acadêmicas, também aprendemos o respeito e o convívio com o próximo, embora também possamos aprender também o contrário. Mas isso não está explícito na BNCC, no currículo do sistema ou programado nos Planos de Ensino de uma maneira explícita, mas é uma aprendizagem implícita nos processos de interação típicos da escola, isso foi chamado, por um pesquisador da Educação estadunidense, chamado Michael Apple, de *Currículo Oculto*.

Quando falamos nos comportamentos típicos de um estudante, há muitos outros comportamentos aprendidos na escola que também não foram previstos e planejados no currículo formal, são justamente as *Habilidades de Aprendiz*, cuja definição vamos retomar aqui:

São aquelas que criam a disponibilidade para a aprendizagem de outras habilidades mais complexas. Possibilitar ao indivíduo o desenvolvimento das habilidades de aprendiz envolve o ensino de habilidades como sentar, esperar, fazer contato visual, olhar para o professor, olhar para o elemento do ambiente indicado pelo professor, como a lousa ou a página de um livro, entre outros; e também o ensino da redução de comportamentos que podem ser barreiras para aprendizagem, tais como gritos, comportamentos autolesivos ou heterolesivos, jogar-se no chão, dependência do apoio.

Da mesma forma que no caso da avaliação das *Habilidades Desenvolvimentais*, neste campo também podemos elencar as habilidades que iremos avaliar segundo uma lista prévia, a depender do contexto, assim como podemos utilizar um protocolo cientificamente validado para a tarefa da avaliação como, por exemplo, o VB-MAPP, que já foi apresentado anteriormente, que além da área da *Avaliação de Marcos*, que foi o que mostramos, também tem uma área de *Avaliação de Barreiras de Aprendizagem*, que é justamente o ponto das *Habilidades de Aprendiz*.

O VB-MAPP mede 24 Barreiras da aprendizagem, são comportamentos que trazem dificuldade para o processo de ensino/aprendizagem. Imaginem, por exemplo, uma criança que chore durante as 4h de aula, seria possível ensinar a ela a ler e escrever? Ou ainda um menino com TEA que corra por toda a escola por todo o tempo em que passa nela, como poderia aprender as operações matemáticas básicas?

Dentre estas várias barreiras de aprendizagem, selecionamos uma que é bastante comum, que pode ser chamado genericamente de “Problemas de comportamento”, isto é, um indivíduo que emite algum comportamento que traz prejuízo a ele e que tenha uma função social (isto é, não sensorial). Apesar de este registro ser bem simples, A avaliação não é nada simples e pode dar um bom trabalho.

Suponhamos que este menino fictício, em certo momento da aula, começa a gritar, bater no próprio rosto e choramingar e este conjunto é o que chamamos aqui de Problema de Comportamento. A avaliação então usou um registro de eventos[[1]](#footnote-1) para descrever a frequência de ocorrência e uma avaliação funcional para elaborar uma hipótese de qual era a função deste comportamento[[2]](#footnote-2).

E o que foi descoberto? Que o comportamento ocorre a cada 20 minutos, em média e que a Professora Regente manda o estudante sair da sala, de modo que a hipótese principal é que a função do comportamento é ganhar um passeio pela escola, isto é, o reforço do comportamento é justamente permitir sair da sala. No VB-MAPP, portanto, esta barreira é registrada com uma pontuação 3, porque é recorrente e traz graves prejuízos para a estudante, seja do ponto de vista do conteúdo, seja do ponto de vista social, perante os amigos.

Mas, como dito, isto pode também ser avaliado por outros protocolos, como a ABLLS-R[[3]](#footnote-3), que é a sigla em inglês para Avaliação de Linguagem Básica e Habilidades de Aprendizagem-Revisada ou a AFLS[[4]](#footnote-4), que é a sigla em inglês para Avaliação de Habilidades Funcionais de Vida, ambos de autoria de James Partington que possuem seções específicas sobre esses comportamentos escolares ou o IGLR[[5]](#footnote-5), sigla em inglês para o Inventário do Bom Aprendiz, de autoria de Steve Ward, também bastante específico para estas tarefas.

Mas, imaginando que a escola possa fazer sua avaliação baseada em checklist, imaginemos quais poderiam ser as principais Habilidades de Aprendiz:

|  |  |  |  |  |
| --- | --- | --- | --- | --- |
|  | **Nunca** | **Às vezes** | **Comumente** | **Sempre** |
| Quando deixado pelo adulto na porta da escola, adentra na unidade. |  |  |  |  |
| Quando toca o sinal do início da aula, dirige-se imediatamente a sua sala. |  |  |  |  |
| Quando toca o sinal do início do intervalo, dirige-se imediatamente ao pátio da escola. |  |  |  |  |
| Quando toca o sinal do fim do intervalo, dirige-se imediatamente a sua sala. |  |  |  |  |
| Senta-se em em sua carteira quando entra em sua sala. |  |  |  |  |
| Permanecer sentado durante a maior parte da aula. |  |  |  |  |
| Se atenta à Professora durante as explicações. |  |  |  |  |
| Se atenta a outros estímulos conforme instrução da Professora. |  |  |  |  |
| Dedica-se a fazer as atividades indicadas pela Professora, durante a aula. |  |  |  |  |
| **Não emitir comportamentos disruptivos como gritar, bater em si, em outrem ou em algo, chorar, entre outros.** |  |  |  |  |

Havendo um comportamento de maneira plena, ok, seguimos a vida. Quando o comportamento ocorre comumente, mas não sempre, isso nos exige medidas preventivas para que o comportamento se fortaleça. Quando o comportamento só ocorre às vezes, ele exige uma intervenção atualmente e quando ele nunca acontece, então se trata de um bloqueio a outras aprendizagens e ele exige uma intervenção específica, imediata e PRIOTIÁRIA.

Caso estejamos falando da última marcação nesta tabelinha, ela engloba um enorme conjunto de desafios, trata-se, não da FALTA de um comportamento, um déficit comportamental, como são os casos anteriores, mas ao contrário, um EXCESSO COMPORTAMENTAL, algo que não deveria ocorrer, mas está ocorrendo, de modo a trazer prejuízo ao próprio indivíduo e talvez mesmo para seus colegas. Imagine um estudante que chore durante todas as 4 horas de aula (acreditem em mim, não é tão incomum quanto parece), que grita horas a fio, que roda, corre e bate durante toda a aula? Pois então, uma marcação neste último item exige uma outra fase na avaliação. Vamos falar agora, portanto, desses comportamentos desafiadores.

**Comportamentos difíceis, eles existem**

Pessoas com o Transtornos do Espectro Autista possuem dificuldades na comunicação social, isso faz parte da definição e diagnóstico. Esta é a base para uma série de dificuldades comportamentais que podem tornar muito difícil a participação do sujeito na escola, vamos a um exemplo:

João, diagnosticado com TEA, estuda em uma escola comum, onde tem um mediador. Um belo dia, nosso querido aluno começa a bater as mãos no próprio rosto em sala. O professor, preocupado com o incômodo que o próprio aluno possa estar sentindo e também com o desenrolar da aula, pede ao mediador que saia com ele para “dar uma volta”. O mesmo acontece no dia seguinte e no outro e no outro, depois de um tempo estão presentes também o choro e os gritos (junto com o tapa no rosto), com muito maior frequência.

Nesta toada, em breve a Diretora da escola propõe um “horário adaptado” cada vez menor, justificado com interpretações de senso comum como “Mãe, cada criança é diferente né? O João não consegue ficar este tempo todo na escola, infelizmente” e este “tempo que ele consegue ficar” diminui das 4h para 3h, 2h, 1h e não demora a João compor os números da evasão de estudantes com deficiência, muito superiores aos já assustadores números totais. Mas é preciso dizer que no caso das crianças com autismo e/ou Deficiência Intelectual isto é ainda mais preocupante porque a escola é a maior oportunidade de estimulação que ele tem na vida, já que é o serviço público mais universalizado.

Isto acontece porque a formação dos profissionais da educação possui sérias deficiências para a resolução de problemas desta natureza, a formação pedagógica no Brasil é basicamente discursiva e filosófica, com pouco conteúdo técnico e uma usual recusa da dimensão científica do fazer pedagógico. Em geral, nós aprendemos muito na universidade sobre a importância da Educação Especial, sobre como a inclusão é um ganho para a sociedade como um todo, mas muito pouco sobre como operar esta inclusão para que ela seja verdadeira, isto é, sobre quais as práticas para que meu estudante realmente aprenda.

Diante de problemas desta natureza, professores e equipe escolar costumam tomar três atitudes extremamente inadequadas, a partir das quais discutirei o cenário que seria mais interessante:

1. Não toma nenhuma atitude: a partir de uma noção de senso comum do comportamento humano, como se ele fosse uma mera expressão de um ser interior, entende-se que aquela criança “é assim” e acomoda-se na posição de esperar. Assim como descrito no exemplo do começo do artigo, isto muitas vezes leva à evasão escolar, um grave problema da educação de pessoas com autismo que, sem a experiência social da escola, podem ter seu quadro ainda mais agravado;

2. Pede para a família dar medicamentos à criança: começando com o exercício ilegal da medicina, esta postura é inadequada ainda por outros motivos: a) apesar dos efeitos eventualmente benéficos, remédios possuem extensos efeitos colaterais que o professor não conhece e não consegue prever, dosar e controlar; b) não existem remédios que ensinem a se comportar desta ou daquela maneira, eles até podem contribuir para diminuir a agressividade em certo contexto, mas ele não pode ensinar um comportamento alternativo, a resolução efetiva para comportamentos inadequados só pode ser o tratamento de sua causa, de natureza comportamental; c) remédios, em certas circunstâncias, podem diminuir a aprendizagem;

3. Terceiriza o problema para terapeutas: ensinar coisas é papel pedagógico e embora terapeutas também se encarreguem disto, o papel primordial, sobretudo na escola, deveria ser dos professores. Estamos falando de ensinar a se comportar de certa maneira em sala de aula, diminuindo comportamentos problemáticos, como se bater, gritar, entre outros e aumentando certos comportamentos como sentar-se, ler, escrever, entre outros.

Evidentemente todas as alternativas são profundamente equivocadas, mas sua origem não é a maldade ou a displicência com os estudantes, mas fruto de uma história de formação que lhes negou conhecimentos desta natureza. Mas que alternativa, por fim, devemos seguir?

A questão central acerca do trato com os comportamentos difíceis e descobrir qual sua função. Não existe comportamento que não tenha uma função, um objetivo a ser alcançado e isso independe de o indivíduo ser capaz de descrever verbalmente isso. As funções que podem ser encontradas para comportamentos difíceis são, por exemplo: atenção; fugir da lição; fugir do ambiente da sala de aula; conseguir que os pais venham buscar; conseguir ter acesso ao parquinho, sala de vídeo ou algo assim.

Para sabermos qual é esta função do comportamento, o procedimento de avaliação de chama Avaliação Funcional, que consiste na observação sistemática de três elementos que compõem o que chamamos de comportamento:

1. Quais eram os **antecedentes** para a criança ou adolescente se comportar (por exemplo, muito tempo sem atenção, muito barulho na sala, professor tinha passado a lição, após o intervalo, entre outras possibilidades);

2. Que **respostas** compõem, exatamente, o que chamamos de comportamento-problema (Por exemplo: Socos? Gritos? Choro? Em que quantidade? Com que frequência? Com que intensidade?);

3. Que **consequências** estão reforçando o comportamento-problema (por exemplo, quando a pessoa o realiza, o professor ou outros alunos brigam com ele? Explicam que não pode fazer? Exemplos de atenção. O estudante sai da sala? Exemplo de fuga da lição ou do barulho ou de poder ir para outro lugar mais interessante).

 Esta avaliação pode ser realizada no ambiente de sala de aula, observando as relações à medida em que elas naturalmente aparecem neste contexto, isto ocorre por meio de uma espécie de formulário, que normalmente chamamos de ABC[[6]](#footnote-6). Mas este comportamento também pode ser observado e analisado de uma maneira ainda mais precisa e veloz, trata-se da Análise Funcional Experimental, em que o avaliador cria as condições que podem controlar o comportamento para que ele ocorra quando sua função for apresentada. Ok, já percebi que a descrição está confusa, mas vou evitar ser mais específico para que desavisados não tentem fazer o procedimento sem o devido preparo, pois ele é complexo e seu manejo equivocado pode prejudicar a criança, então quem quiser ir à fundo, conferir os trabalhos do Brian Iwata ou de outros autores.

Esta Avaliação Funcional ABC pode ser realizada de duas formas distintas, uma delas é mais aberta, que é o ABC NARRRATIVO, o que em geral é feito no começo da investigação da natureza do comportamento problema, em que os protocolos são organizados em caixas para que o observador descreva as variáveis ambientais e a forma do comportamento-problema e a outra forma é o ABC ESTRUTURADO, em que as possibilidades de **antecedentes**, **respostas** e **consequências** já estão escritos, para que haja somente sua seleção, pois esses foram antecedentes e consequências que constituem hipóteses levantadas pela equipe.

Nos **antecedentes**, devem ser registrados os **antecedentes remotos**, isto é, que não ocorreram imediatamente antes do comportamento-problema, mas pode ter influência sobre o estado geral do indivíduo como a informação de que ele não almoçou, sua rotina foi quebrada ao ir à escola, não dormiu direito, entre outros, o que pode ser captado perguntando aos pais na entrada ou saída da aula ou de uma maneira mais formal, como um email ou entrevista. Além disso, claro, os **antecedentes imediatos**, o que ocorreu imediatamente antes do comportamento, como alguém sair ou entrar no ambiente, alguma alteração sensorial (barulho, calor, frio, porta aberta, ligação do ventilador...), as atividades propostas, entre outros.

No campo da **resposta**, devem ser descritas as dimensões comportamentais do comportamento-problema ocorrido, que são a sua frequência, isto é, quantas vezes ocorreu em certo espaço de tempo, qual a sua duração, se ele for distendido no tempo, qual a sua intensidade, isto é, se foi fraco ou forte, sua latência, isto é, o tempo em que ocorreu após um estímulo antecedente e sua topografia, isto é, sua forma. Por exemplo, posso dizer que um indivíduo chorou, de forma intensa, com lágrimas, gritos e ganhos, por aproximadamente 5 minutos, logo após a Professora entregar sua prova com nota baixa.

Nas **consequências**, o observador deve nos informar o que ocorreu logo após o comportamento-problema ocorrer, ainda que ele entenda que não haja relação entre os eventos, como as pessoas se comportaram em relação a isso e tudo o que mudou após este acontecimento. É possível que após um comportamento-problema a Professora tenha dado uma esculhambação no estudante, ou explicado a ele seu erro, ou todos olhado para ele, ou ser levado a outro lugar para “se acalmar” ou ninguém ter feito nada nem dado atenção e tudo isso indica coisas diferentes sobre o comportamento e incide diretamente sobre a forma como ele poderá ser eliminado ou reduzido.

**PROTOCOLO ABC NARRATIVO**

Aluno(a): \_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_Observador(a): \_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_

Definição da resposta alvo: \_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_

**Análise FUNCIONAL (Antecedente – resposta – Consequência)**

|  |  |  |  |
| --- | --- | --- | --- |
| **Info Temporal** | **Antecedente** | **Resposta** | **Consequência** |
| **Data** \_\_\_\_/\_\_\_\_\_\_\_\_**Início** \_\_\_\_\_\_\_\_\_\_**Término**\_\_\_\_\_\_\_\_\_ |  |  |  |
| **Data** \_\_\_\_/\_\_\_\_\_\_\_\_**Início** \_\_\_\_\_\_\_\_\_\_**Término**\_\_\_\_\_\_\_\_\_ |  |  |  |
| **Data** \_\_\_\_/\_\_\_\_\_\_\_\_**Início** \_\_\_\_\_\_\_\_\_\_**Término**\_\_\_\_\_\_\_\_\_ |  |  |  |
| **Data** \_\_\_\_/\_\_\_\_\_\_\_\_**Início** \_\_\_\_\_\_\_\_\_\_**Término**\_\_\_\_\_\_\_\_\_ |  |  |  |
| **Data** \_\_\_\_/\_\_\_\_\_\_\_\_**Início** \_\_\_\_\_\_\_\_\_\_**Término**\_\_\_\_\_\_\_\_\_ |  |  |  |
| **Data** \_\_\_\_/\_\_\_\_\_\_\_\_**Início** \_\_\_\_\_\_\_\_\_\_**Término**\_\_\_\_\_\_\_\_\_ |  |  |  |
| **Data** \_\_\_\_/\_\_\_\_\_\_\_\_**Início** \_\_\_\_\_\_\_\_\_\_**Término**\_\_\_\_\_\_\_\_\_ |  |  |  |
| **Data** \_\_\_\_/\_\_\_\_\_\_\_\_**Início** \_\_\_\_\_\_\_\_\_\_**Término**\_\_\_\_\_\_\_\_\_ |  |  |  |
| **Data** \_\_\_\_/\_\_\_\_\_\_\_\_**Início** \_\_\_\_\_\_\_\_\_\_**Término**\_\_\_\_\_\_\_\_\_ |  |  |  |
| **Data** \_\_\_\_/\_\_\_\_\_\_\_\_**Início** \_\_\_\_\_\_\_\_\_\_**Término**\_\_\_\_\_\_\_\_\_ |  |  |  |

**PROTOCOLO ABC ESTRUTURADO**

Aluno(a): \_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_Observador(a): \_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_

Data de observação: \_\_\_/\_\_/\_\_\_\_ Horário de observação: \_\_/\_\_

|  |  |  |
| --- | --- | --- |
| ( ) sono ( ) fome ( ) mudança de rotina( ) barulho alto( ) calor( ) mãe presente( ) pai presente( ) mãe saiu da sala( ) resfriado( ) irmão entra na sala | ( ) se joga no chão( ) grita( ) bate a cabeça | ( ) alguém coloca para dormir( ) alguém dá comida ( ) alguém conversa com ele e pede para parar( ) é levado para o quarto( ) é levado para o banho( ) mãe dá bronca( ) pai sai do ambiente( ) mãe entra no ambiente e olha para ele( ) alguém pergunta se está bem e dá um remédio( ) irmão sai |

Contexto de Observação:\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_

No caso do ABC Narrativo, coloquei em uma folha sozinho porque ele pode ser impresso e reproduzido por qualquer profissional, é uma estrutura inicial para registro, mas no caso do ABC estruturado, é diferente, pois os antecedentes, as respostas e as consequências previstas não são e não podem ser padronizadas, elas partem das hipóteses previamente levantadas, ou pela utilização do ABC narrativo por um certo tempo, ao menos alguns dias ou pelo conhecimento que os próprios professores já possuem do estudante, especialmente no Ensino Fundamental, Séries Iniciais, ou no Ensino Infantil, onde há somente uma ou algumas poucas Professoras, que passam muito tempo com os mesmos estudantes.

Quais são as vantagens e desvantagens de cada sistema de registro?

**Vantagens do ABC NARRATIVO:**

* É capaz de captar antecedentes e consequências inusitados
* Não precisa de preparação de material
* Pode ser usado na etapa inicial

**Desvantagens do ABC NARRATIVO:**

* Alto esforço para preencher
* Mais difícil alcançar um padrão

**Vantagens do ABC ESTRUTURADO:**

* É mais consistente para captar padrões
* Menor esforço para preencher
* Mais fácil de converter em gráficos

**Desvantagens do ABC ESTRUTURADO:**

* Alto esforço para preparar o registro
* Limita os antecedentes e consequências captados

Pensando que a Análise Funcional Experimental é muito complexa e a escola é um contexto mais apropriado para a Avaliação Funcional ABC, perguntaríamos ainda quem deve fazer os registros para esta avaliação? Depende da frequência e contexto do comportamento, se ele for emitido em baixa frequência, a Professora Regente pode registrar, se for de alta frequência, precisa de algum profissional que tenha disponibilidade de fazer isso no contexto em que isso mais ocorra, em uma aula diária, por exemplo, ou se isso somente ocorrer na Sala de Recursos, no atendimento do AEE, pode ser a própria Professora responsável pelo serviço.

Após descobrir a função do comportamento, isto é, qual a consequência o reforça e o mantém acontecendo, deve-se elaborar um procedimento de redução de comportamento problema para o estudante. **Quais são os procedimentos** com a melhor evidência para isso? **Reforço Diferencial**, especialmente o **Treino de Comunicação Funcional** e **enriquecimento de repertório**. Um bom começo sobre o tema é o livro **Manejo Comportamental de crianças com Transtornos do Espectro do Autismo[[7]](#footnote-7)** em condição de inclusão escolar, de Khoury e outros e também o livro **Autismo: estratégias científicas para lidar com comportamentos desafiadores[[8]](#footnote-8)**, de Aline Cruz e Márcio Moreira, ambos disponíveis gratuitamente na internet. Este tópico falaremos mais à frente!

1. Modelo e explicação em FAGUNDES, A.J.F.M. Descrição, Definição e Registro do Comportamento. São Paulo: Edicon, 2015, 17ª Ed., p. 79. [↑](#footnote-ref-1)
2. Modelo e explicação em RIBEIRO, D.M., SELLA, A.C., SOUZA, A.A. Avaliação do Comportamento. In: SELLA, A.C. RIBEIRO, D.M. Análise do Comportamento Aplicada ao autismo. Curitiba: Appris, 2018 [↑](#footnote-ref-2)
3. <https://partingtonbehavioranalysts.com/products/ablls-r-the-assessment-of-basic-language-and-learning-skills-revised> [↑](#footnote-ref-3)
4. <https://partingtonbehavioranalysts.com/pages/afls> [↑](#footnote-ref-4)
5. <http://www.wholechildconsulting.com/wp-content/uploads/2017/09/ScoringTheIGLR.pdf> [↑](#footnote-ref-5)
6. Para um aprofundamento, conferir Steege et al. **Conducting School-Based Functional Behavioral Assessments** - Third Edition - A Practitioner's Guide. Nova Yorque: Guilford Publications, 2019 [↑](#footnote-ref-6)
7. <https://memnon.com.br/manejo-comportamental-de-criancas-com-transtornos-do-espectro-de-autismo-em-condicao-de-inclusao-escolar-2020/> [↑](#footnote-ref-7)
8. <https://play.google.com/store/books/details/Autismo_estrat%C3%A9gias_cient%C3%ADficas_para_lidar_com_com?id=GBUZEAAAQBAJ&hl=en_US&gl=US> [↑](#footnote-ref-8)